

ARQUITECTURA DA ÁGUA: FONTES, CHAFARIZES E TANQUES¹

PARA O INVENTÁRIO
DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO
EDIFICADO DO CONCELHO
DE PALMELA

Sumário

1. A Água.....	2
2. A Arquitectura da Água.....	4
3. Inventário.....	5
Fontes e Bibliografia.....	12

¹ Texto da autoria de Cristina dos Reis Prata, Técnica Superior do Museu Municipal de Palmela

1. A Água

“Quem não poupa água nem lenha não poupa nada que tenha”

Adágio Popular

A água é um elemento comum na nossa vida quotidiana e a sua presença habitual, contínua, regular e abundante faz com que, muitas vezes, nos esqueçamos da sua extrema importância, bem como do seu carácter esgotável.

A água é fonte de vida, sem este recurso a própria terra não passaria de um astro morto e, por este motivo, é a água que, distribuída de forma desigual no tempo e no espaço, dita e molda a vida e a História do Homem. Desde os tempos mais remotos, o acesso e o controlo da água apresenta-se como factor elementar na subsistência de qualquer comunidade. As primeiras civilizações (Mesopotâmia e Egipto) nasceram junto a grandes rios que tomaram férteis as suas terras e, ao longo da História, a proximidade da água será sempre procurada, visto impor-se como recurso indispensável à agricultura, à manufactura, aos transportes e à energia.

Para um melhor aproveitamento da água impõe-se o controlo da sua abundância ou da sua escassez, ir ao seu encontro e fazê-la chegar certa e regular onde é necessária e, para isso, inventar recursos. Auxiliando-se da ciência e da técnica, o Homem constrói engenhos hidráulicos que lhe permitiram aproveitar as águas dos rios ou ribeiras e extrair do interior da terra a água tão necessária à superfície.

Segundo Daniel Roche “o inventário dos recursos salienta três soluções principais: o acesso directo à utilização dos rios, das ribeiras, das mães d’água, lagos e charcos; a captação das nascentes e a sua conduta, principalmente para as cidades, por aquedutos ou tubagens subterrâneas; o recurso ao lençol freático com a abertura de poços. Estes três processos coexistem quase por toda a parte, mas é difícil conhecer a sua capacidade e a sua variação no tempo.”²

Palmela, terra de carácter fortemente rural, não fugirá a esta realidade e as suas fontes e chafarizes, localizados em espaços públicos ou privados darão de beber a gente, a animais e a plantações, denunciando a forma de ocupação e gestão do solo, desde sempre abundante em água³.

Nas *Memórias Paroquiais de 1758* é escrito o seguinte: “Esta serra em que se acha fundada a vila de Palmela é abundante de águas várias que nascem por toda a circunferência da mesma. Todas são salutíferas e nas saídas desta vila em todas as estradas têm suas fontes e de todas elas dizem serem as mais especiais nas virtudes das águas das fontes de Ares⁴, Samouco⁵ e Façalva⁶ para os achacados de pedra e areias. Como também a do chafariz principal desta vila para os que padecem toda a casta de febres e intemperanças, por ser esta água fresca de sua natureza, conforme as experiências e opiniões dos médicos.”⁷

Nos finais do século XIX Almeida Carvalho⁸, investigador da região, deixará notas sobre as mais antigas fontes e chafarizes de Palmela referenciando:

“Fonte com uma bica junto à vila e denominada de Santa Ana⁹ / Fonte do Samouco com o seu serviço / No lugar do Carvacho¹⁰, junto à vila com azinhaga e logramento / Nas façalvas com área de serviço e logramento / Do Sol¹¹, no casal dos pretos / Dita chamada de beber¹² / Dita do cavalheiro, ou olho d’água¹³ / Dita do Camarral¹⁴ / Dita em Ayres”.¹⁵

Estas fontes, ainda hoje podem ser encontradas e integram o presente inventário, mas Almeida Carvalho menciona a existência de outras que por não termos conseguido localizar, ficam, por ora, excluídas deste levantamento. E são elas:

“Dita no sítio dos barris, chamada do Casal / Dita no sítio do juncal / Dita em vale de Lousã / Dita no Pomar de Diogo Fernandes Figueira / Dita da talha¹⁶ / Dita da rotura, chafariz em que bebem as bestas com tanque para lavagem. Já existia com esta denominação, porque assim se vê num documento de 4 de Junho de 1510.¹⁷ / Em chuvana, com chafariz”.

Todas as fontes referenciadas por Almeida Carvalho, que hoje ainda conseguimos localizar, situam-se no território pertencente actualmente à vila de Palmela, excepção feita apenas para a Fonte do Sol, localizada no lugar actualmente designado de Cabanas, na freguesia de Quinta do Anjo.

Até aos meados do século XIX, Palmela habitada será sobretudo a vila, estando o restante território desabitado e a aguardar os grandes arroteamentos e a construção de grandes herdades que chegarão nessa altura. É um território essencialmente rural, onde se impõem as terras de cultivo, distribuídas por hortas, pomares e vinhas, alimentadas pela água que brota das muitas fontes, fontes essas que dão nome às terras e aos

² ROCHE, Daniel - *História das Coisas Banais*, Lisboa: Teorema, 1998, p. 162

³ Característica reflectida também na existência dos muito topónimos que fazem referência a água, tais como: Fonte Barreira, Lagameças, Olho de Água, Olhos de Água, Rio Frio, Poceirão, Lagoinha, Lagoa do Calvo, Águas de Moura, Lagoa da Palha.

⁴ Vd. Ficha Inventário, p.8

⁵ Vd. Ficha de Inventário, p.6

⁶ Vd. Ficha de Inventário, p.8

⁷ FORTUNA, António Matos - *Memórias Paroquiais de 1758*, Monografia de Palmela 1, Palmela: Grupo dos Amigos de Palmela, 1982, p. 34

⁸ Arquivo Distrital de Setúbal – Fundo Almeida Carvalho – Palmela; Fontes e Chafarizes, 22/61

⁹ Propriedade da Ermida de S. Brás – 1510., também topónimo de um lugar dentro da vila, constituída por um cerrado e uma horta. In LUCAS; Isabel Maria Guerreiro Gonçalves Mendes Oleiro - *As Ermidas da Ordem de Santiago nas Visitações de Palmela do Século XVI*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 63; Vd. Ficha de Inventário, p.6

¹⁰ Vd. Ficha de Inventário, p.6

¹¹ Vd. Ficha de Inventário, p.10

¹² Vd. Ficha de Inventário, p.6

¹³ Vd. Ficha de Inventário, p.7

¹⁴ Vd. Ficha de Inventário, p.7

¹⁵ Vd. Ficha de Inventário, p.8

¹⁶ Ficaria localizada junto da estrada que ligava Palmela a Setúbal. In FORTUNA, António Matos - *Memórias da Agricultura e Ruralidade do Concelho de Palmela*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 1997, p. 234

¹⁷ Rotura, localizada em lugar com o mesmo nome na Serra de S. Luís. Para melhor localização ver Pormenor do mapa que ilustrou o artigo de Marques da Costa sobre Alferrara na obra *O Archeologo Português*, vol II, Jan. 1896, citado em FORTUNA, António Matos – *Ob.cit.*, p. 144

caminhos, tornando evidente o seu conhecimento e utilidade pública.

A água molda Palmela e inscreve-lhe o traçado das ruas que se direccionam para ela, senão vejamos:

A água: meio de transporte

Cristina Alves, no seu estudo sobre “A Propriedade da Ordem de Santiago em Palmela, nos anos 1510 e 1534, afirma:”... as principais estradas de Palmela são Palmela/Setúbal, Palmela/Coína, Palmela/Alcochete e Palmela/Landeira. Qualquer um destes destinos parece querer cumprir a aproximação marítima que a urbe não possui. No primeiro caso, com o Sado e o Atlântico, através do porto de Setúbal, as duas seguintes com o Tejo, via ribeira de Coína, para Alhos Vedros e via passagem de barca de Alcochete, para Lisboa e a última com o Sado, via ribeira da Marateca e sua ligação com a ribeira da landeira e desta, através dos seus afluentes, com a ribeira de Canha.”¹⁸

A água: alimento e irrigação

Recorrendo ao estudo da mesma a autora, percebemos que as propriedades da Ordem de Santiago são registadas e localizadas recorrendo, muitas vezes, a topónimos como: “Fonte da Pipa”, “Chafariz”, “Caminho de Palmela para a Fonte de Beber”, “Abaixo do Chafariz”, “Fonte do Sol”, “Fonte da Rotura”, “Alferrara”, “Fonte da Talha”, “Barril”, “Carvacho”, “Abaixo da Fonte da Façalva”, “Alferrara”, “Sta Ana”. Tal facto atestará a utilidade pública destas fontes, bem como o papel decisivo que cumpriram na fertilidade das ditas terras. Assim, perto do Chafariz encontraríamos terras com pomar; em Santa Ana, hortas e pomar; no Carvacho, terra de pão; na Fonte da Façalva, horta, pinhal e vinha; na Fonte da Rotura, vinha e olival; no Barril e Fonte do Sol, olival e na Pipa, horta e assentamento de casas e vinhas. Cristina Alves diz mesmo, relativamente à localização das hortas da Ordem, e reforçando o anteriormente descrito, que 27,8% dos casos localizava-se na Fonte de Façalva, 22,2% no Chafariz e 16,7% em Santa Ana.

A chegada dos finais do século XIX, traz a Palmela o crescimento da sua economia e da sua população. Há mais gente, mais terra habitada, mais caminhos para desbravar e percorrer. Surgem também novas fontes, que nascem quer junto dos lugares onde os homens se congregam, quer ao longo das estradas que os conduzem para as feiras, mercados e romarias. Será o caso da Fonte de Águas de Moura¹⁹, e do Chafariz de Cabanas²⁰, construídos em 1878 e 1882, respectivamente.

Segundo Luís Conceição “a distribuição da águas ao domicílio através de uma rede pública só adquire ex-

pressão, nas grandes cidades europeias, a partir de finais do século XIX (...). Em Portugal, o abastecimento domiciliário só toma expressão fora dos escassos grandes centros urbanos e nas comunidades rurais, após, Abril de 1974.”²¹

Tal acontecerá em Palmela. Em 1960, segundo o Censo²² desse mesmo ano, residem à data 23.155 pessoas, distribuídas por 6.584 agregados domésticos unifamiliares e 71 agregados domésticos multifamiliares. Dos agregados domésticos unifamiliares com alojamento em prédio apenas 23,1% usufruíam de água canalizada, o que no explica a função imprescindível que fontes e chafarizes ainda desempenhariam em plena segunda metade do século XX. E, neste sentido, às novas necessidades não se responderá com a ampliação da redes de água, mas com a recuperação dos existentes com o apoio do Fundo de Melhoramentos Rurais, bem como com a construção de novos equipamentos. Na aldeia de Quinta do Anjo, em 1940 são restaurado os Tanques de lavagem pública de roupa²³, na rua do Sabugueiro, os Bebedouros para bestas²⁴ na Rua João de Deus e em 1955 constroem-se dois novos chafarizes²⁵ na Rua Venâncio da Costa Lima. Pinhal Novo²⁶, receberá também um novo chafariz em 1952.

As fontes e chafarizes pautam os ritmos do caminho, outrora mais longo e mais penoso, por se caminhar a pé, ou ao dorso dos animais. As longas horas consumidas rumo a um destino exigem pausas ditadas pela necessidade de saciar a sede, assim como as rotinas da vida doméstica obrigam a visitas regulares ao chafariz mais próximo. Cacilda Martins recorda: “... a gente ia com os burros, com uma infusa, uma de cada lado, uma golpelha (...) chamava-mos-lhe quartas (...) e em cima daquelas, duas pequeninas (...) uma de cada lado para travar a grande (...). A gente levava logo aquela conta de bilhas para ter água para dois dias ou três.”²⁷

Segundo Daniel Roche “na aldeia é menos a casa e mais a colectividade que está associada directamente à água. A água influenciou, dentro de grandes condicionalismos, o agrupamento ou a dispersão. As grandes quintas isoladas (...), têm poços; as aldeias e os lugares dispõem de poços comunitários (...), a água congrega, tanto na sua produção como no seu consumo, uma vez que impõe encontros regulares, conversas e conflitos²⁸. O mesmo autor cita Jean-Jacques Rousseau, na sua obra *Essai sur l'origine des langues*, na qual este apresenta a relação rural das pessoas com a água como uma das principais figuras da comunicação e como ponto de partida da língua e das civilizações, dando o seguinte exemplo: “As raparigas iam buscar água para a lida de casa, os rapazes iam

¹⁸ ALVES, Cristina Paula Vinagre - *A Propriedade da Ordem de Santiago em Palmela, As visitas de 1510 e de 1534*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p.13

¹⁹ Vd. Ficha de Inventário, p.11

²⁰ Vd. Ficha de Inventário, p.10

²¹ CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da - *A Consagração da água através da Arquitectura - Para uma Arquitectura da água*, Dissertação para Doutoramento, apresentada à Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura - Departamento de Arquitectura, Lisboa, 1997, p.339

²² *X Recenseamento Geral da População* – Tomo VI, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1964, p.357

²³ Vd. Ficha de Inventário, p.10

²⁴ Vd. Ficha de Inventário, p.10

²⁵ Vd. Ficha de Inventário, p.9

²⁶ Vd. Ficha de Inventário, p.11

²⁷ Entrevista a Cacilda Martins, 87 anos, Cabanas, a Cristina Prata/Museu Municipal, Setembro 2003

²⁸ ROCHE, Daniel - *Ob. Cit.*, p.167

dar de beber aos seus rebanhos... insensivelmente, a água torna-se mais necessária, o gado tem sede mais vezes, chega-se com pressa, parte-se com pena... aí se fizeram as primeiras festas, pés irrequietos de alegria, o gesto cordial já não bastava, a voz enchia-se de acentuações apaixonadas... Enfim, foi aí o verdadeiro berço dos povos e do puro cristal das fontes saíram os primeiros fogos do Amor.”²⁹ Cacilda Martins confirma: “... *havia fila para encher, depois estávamos por ali sentados (...) falava-se com este, falava-se com aquele e às vezes havia namoricos que se arranjavam ali no chafariz.*”³⁰

As décadas de 80 e 90, inauguram no concelho o alargamento da rede de água canalizada e o acesso generalizado. A água está mais próxima, mas é agora mais cara e mais preciosa. Vivemos um tempo em que as sociedades industriais, urbanas, agrícolas, atingem níveis de consumo nunca iguais na História. Hoje, já não guardamos ou gerimos a água das fontes e chafarizes, mas tememos pelas reservas naturais, vigiamos os rios e lençóis de água tantas vezes ameaçadas pela poluição.³¹

2. A Arquitectura da Água

Têm diversas categorias os artefactos arquitectónicos que se relacionam com a condução, a contenção e o uso da água, na sua dimensão pública. Aquedutos e reservatórios urbanos, claustros, espelhos de água, termas e estancias termais, baptistérios, depósitos, poços, fontes, fontanários, chafarizes e tanques. Por ora, dedicamo-nos às últimas três categorias, fazendo um levantamento dos elementos existentes no concelho de Palmela.

Por **Fonte, Chafariz e Tanque** entendemos:

Fonte: “Lugar onde brota água continuamente; nascente, água que nasce do solo; bica por onde corre água, construção provida de uma ou mais bicas ou torneiras por onde corre água potável.”³²

Chafariz: “Fontanário com várias bicas e de construção mais ou menos artística.”³³

Segundo Walter Rossa, o chafariz distingue-se da fonte sobretudo por “estar em lugares públicos e ser o ponto terminal de uma condução de abastecimento, exclu-

sivo ou não. Com um número variável de bicas é em muitos casos composto por tanques a níveis diversos diferenciando a água das pessoas e dos animais. Por tal surgiram à sua volta frades destinados a evitar a aglomeração de carros de tracção animal junto ao tanque (...) elementos (...) muito importantes na composição do conjunto e do espaço urbano.”³⁴

Segundo Luís Conceição são dois os modelos principais de chafarizes:

Os de **Espaldar**, de inspiração barroca, arrimados às paredes e ladeando a via pública; como exemplo temos o Chafariz D. Maria, a Fonte Nova, a Fonte do Camaral, o Chafariz de Aires, o Chafariz da Lagoinha, de Quinta do Anjo e o de Cabanas; e os de **Obelisco**, generalizados no século XIX, elementos isolados, que são colocados ocupando o centro de praças: exemplo é o chafariz do Largo Marquês de Pombal, em Palmela.

Tanque: “qualquer reservatório para conter água, azeite ou outros líquidos.”³⁵

A partir do século XIX, assiste-se a uma acentuada diminuição do sentido artístico e arquitectónico das estruturas de suporte, que se foram transformando em meras bicas comandadas por umas torneira, instalada numa coluna de alvenaria de pedra (marcos fontanários) adossados ou não a uma parede ou muro. Elementos presentes, na maior dos chafarizes em estudo, são os bancos destinados, não só ao descanso dos caminhantes, mas também à espera daqueles que, pacientemente, aguardavam a sua vez de encher as infusas.

Quando a Fonte ou Chafariz se situava próximo de um povoado dispunha, algumas vezes, de um tanque destinado à lavagem pública de roupa. Como exemplos lembremos o Tanque da Fonte de Beber³⁶, o Lavadouro do Chafariz de Aires³⁷, ambos em Palmela; o Lavadouro de Águas de Moura³⁸; os Tanques de Quinta do Anjo³⁹ e o Lavadouro do Bairro Franco⁴⁰, em Pinhal Novo.

Quando a Fonte ou Chafariz se situava dentro de uma propriedade privada tem, algumas vezes, como vizinho um tanque destinado a conservar grandes quantidades de água para as regas. Exemplos disso são o tanque da Quinta das Façalvas⁴¹ e o tanque da Fonte da Rocha⁴², já em ruína.

Levantar fontes, construir tanques facilitando a águas aos povos constituiu sempre uma obra de bem público, o que se verifica nas inscrições nas lápides que

²⁹ *Ibidem*

³⁰ Entrevista a Cacilda Martins, 87 anos, Cabanas, a Cristina Prata/Museu Municipal, Setembro 2003.

³¹ “o concelho localiza-se numa zona de infiltração e reserva de água de enorme importância devido ao seu potencial, qualidade e localização, dado que se trata de uma zona de grande valor económico, onde se encontram situadas muitas captações de água (...). Palmela é abastecido unicamente por águas subterrâneas. Existem no concelho 32 captações/furos municipais que abastecem cerca de 90% da população residente e flutuante a nível concelhio, in CANELAS, Vítor - *Património Natural do Concelho de Palmela*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 1999, p. 112

³² in *Dicionário da Língua Portuguesa 2003*, Porto: Porto Editora, 2003, p. 773

³³ *idem*, p., 341

³⁴ ROSSA, Walter - *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*, Lisboa: Editorial Presença, 1989

³⁵ In *Dicionário da Língua Portuguesa 2003*, Porto: Porto Editora, 2003, p. 1353

³⁶ Vd Ficha de Inventário, p.6

³⁷ Vd Ficha de Inventário, p.8

³⁸ Vd Ficha de Inventário, p.11

³⁹ Vd Ficha de Inventário, p.10

⁴⁰ Vd Ficha de Inventário, p.11

⁴¹ Vd Ficha de Inventário, p.8

⁴² Vd Ficha de Inventário, p.7

muitas fontes e chafarizes exibem, apresentando, por exemplo a seguinte informação: “Para utilidade pública foi feita por resolução do povo senado e administração do concelho sob a protecção de D. Maria I 1972”, no Chafariz D. Maria I⁴³, “Câmara Municipal de Setúbal a reedificou em 1888”, Lavadouro da Fonte de Beber⁴⁴ e C. M. Palmela Obra Compar-ticipada pelo Estado Novo Melhoramentos ruraes No ano dos Centenários 7.7.1940, no Lavadouro de Quinta do Anjo.⁴⁵

3. Inventário

• FREGUESIA DE PALMELA

Chafariz D. Maria I



Largo do Chafariz do D. Maria I - Palmela

Arquitectura Pública Civil

Século XVI

Chafariz Monumental do século XVIII. O primeiro chafariz aqui existente dataria do século XVI, construído por ordem de D. Jorge, mestre da ordem de Santiago.

Segundo Almeida Carvalho “O chafariz que está na encosta de Palmela, para da sua água se aproveitarem os moradores da mesma vila, foi construída em 1549, porque provem de documento datado em Setúbal. A 26 de Novembro daquele ano, determina o duque Mestre da Ordem de Santiago que no dito chafariz que se fizera, se não lançasse cousa alguma, nem se lavasse, sob pena indicada no referido documento”.⁴⁶

Terá sido restaurado e modelado no reinado de D. Maria I.

“O pedido para essa reconstrução remontará a 1785, ano em que a vereação da Câmara de Palmela requereu à rainha apoio para a reconstrução dos Paços do Concelho, das calçadas e serventias públicas e da “fonte chamada do Chafariz, que está destruído e tem retrocedido”. Argumentava a vereação que o concelho tinha falta de rendimentos e que tais despesas deveriam ser pagas pelos “bens de raiz”. (...) Segundo a descrição apresentada no mesmo requerimento, “a fonte corre muito pouco e anda tão baixa que do mesmo chafariz corre para ela água encharcada e corrup-

ta, vindo até ser perigosa à saúde daqueles moradores”.⁴⁷

Construído em pedra e em planta rectangular. Constituído por duas bicas e uma pequena bacia receptora de água. No centro do frontão apresenta o brasão de D. Maria. Nas laterais encontram-se dois tanques utilizados como reservatórios de água que permitiam dar de beber ao gado. São ambos encimados pelo brasão de armas do concelho.

No frontão triangular encontra-se a seguinte inscrição: PUBLICAEUTILITATI C.D.S.P.Q.R SUBAUSPICCI MARIA I MDCCXCII.

(Transcrição: Para utilidade pública foi feita por resolução do povo senado e administração do concelho sob a protecção de D. Maria I 1972). Também nesta época terão sido colocados os fogaréis.

Nas *Memórias Paroquiais de 1758* são referidas as boas qualidades da água nos seguintes termos: “água boa, para os que padecem toda a casta de febres e entemperanças, por ser esta água fresca de sua natureza, conforme as experiências e opiniões dos médicos.”⁴⁸

Função Inicial – Abastecimento de Água

Função Actual – Abastecimento de Água

Fonte Nova



Estrada da Calçadinha - Palmela

Arquitectura Publica Civil

Século XIX.

Construída em pedra e adobe é constituída por um tanque de recepção de água e respectiva bica. Abastecida pela água de uma mina existente, ligeiramente afastada do local, canalizada ao longo de um muro por uma caleira coberta, entrando pela parte de trás do fontanário. Faz o abastecimento à fonte e aos tanques do lavadouro. A tabela em pedra existente no frontão desapareceu e pelos vestígios que apresenta parece ter sido removida.

Função Inicial – Abastecimento de Água

Função actual – Devoluta

Tanque da Fonte Nova

Estrada da Calçadinha - Palmela

Arquitectura Pública Civil

Século XIX

Abastecido pela Fonte Nova.

⁴³ Vd Ficha de Inventário, p.5

⁴⁴ Vd Ficha de Inventário, p.6

⁴⁵ Vd Ficha de Inventário, p.10

⁴⁶ Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho, Palmela, Fontes e Chafarizes, 22/61.

⁴⁷ In RIBEIRO, João Reis – *Histórias e Cantinhos da Região de Palmela*, Palmela: Grupo dos Amigos de Palmela, 2002, p. 55 e 56

⁴⁸ Fortuna, António Matos – *Monografia de Palmela 1, Memórias Paroquiais*, Palmela: Grupo dos Amigos de Palmela, 1982, p. 34

Tanque de grande dimensão, construído em pedra e adobe. Apresenta quatro estruturas em ferro que sustentariam um tecto de protecção.

Função Inicial – Lavagem de roupa

Função actual – Devoluto

Fonte do Carvacho



Estrada da Moita - Palmela

Arquitectura Pública Civil

Sem datação⁴⁹

Fonte Localizada num nicho escavado numa parede em alvenaria. É constituída por um tanque em pedra de forma rectangular e respectiva bica. De destacar a existência de dois bancos em pedra destinados à espera e ao descanso.

Função inicial – Abastecimento de água

Função Actual – Abastecimento de água

Fonte do Samouco

Rua do Samouco - Palmela

Arquitectura Pública Civil

Sem datação⁵⁰

Localizada muito próxima de uma mina de água, protegida por uma porta. Acompanhada por um poço e constituída por uma bica, um tanque em pedra e dois bancos em alvenaria. Apresenta uma laje em pedra com a seguinte inscrição “C.M.P” e um painel de azulejo com a seguinte informação: “Fonte do Samouco recuperada pela Junta de Freguesia de Palmela. Junho de 90”. Este chafariz é mencionado nas *Memórias Paroquiais* de 1758, pela virtude das suas águas para os “achacados de pedra e areias”⁵¹.

Função inicial: Abastecimento de Água

Função actual: Abastecimento de Água

Fonte de Beber



Rua Afonso de Albuquerque Palmela

Arquitectura pública civil

Reedificada em 1888

Adossada a um muro empedrado. É constituída por uma bica e um tanque de recepção de água com canal que a conduz até a um lavadouro.

Função inicial: Abastecimento de água

Função actual: Abastecimento de água

Lavadouro da Fonte de Beber



Rua Afonso de Albuquerque - Palmela

Arquitectura pública civil

Foi reedificado em 1888

Abastecido pela Fonte de Beber. Apresenta um tanque em pedra e alvenaria. É protegida por um telhado com estrutura de madeira e telhas em cerâmica.

Exibe uma tabela em mármore com a seguinte inscrição “Câmara Municipal de Setúbal a reedificou em 1888” e um painel em azulejo com a seguinte informação “Fonte de Beber recuperada pela Junta de Freguesia de Palmela, Julho 91”

Função inicial: lavagem de roupa

Função actual: Lavagem de roupa

Lavadouro de Santa Ana



Rua Afonso de Albuquerque - Palmela

1827

Constituído por dois tanques em pedra um de grande dimensão e outro menor, destinados à lavagem de roupa. Exibe uma tabela em pedra com inscrições em latim, datada de 1827. Apresenta também uma estrutura de protecção em alvenaria e madeira e num dos pilares que sustenta o telhado encontra-se uma tabela de mármore com a seguinte inscrição: “Construída pela Junta de Freguesia de Palmela Apoio da C. M. P. 1987”.

Função Inicial – Lavagem de roupa

Função actual – Lavagem de roupa

⁴⁹ Referenciada por Almeida Carvalho, como uma das fontes mais antigas da vila de Palmela. Pertença da Quinta do Carvacho será desintegrada, após a abertura da estrada da Moita.

⁵⁰ Já referida nas *Memórias Paroquiais* de 1758

⁵¹ FORTUNA, António Matos – *Monografia de Palmela 1, Memórias Paroquiais*, Palmela: Grupo dos Amigos de Palmela, 1982, p. 39

Fonte do Barril



Baixa de Palmela Palmela
Arquitectura pública civil
1888

Constituída por um frontão em alvenaria, um tanque quadrangular, em pedra de reduzida dimensão e uma bica. Existência de dois bancos. Apresenta uma tabela em pedra com a seguinte inscrição: “Viação Municipal 1883”.

Função inicial: Abastecimento de água

Função actual: Abastecimento de água

Fonte

Palmela
Arquitectura pública civil
Sem datação

Adossada a um muro lateral da igreja de S. Pedro. Em alvenaria e pedra. De construção simples e reduzida dimensão. Apresenta uma bica e uma bacia receptora de água.

Função inicial: Abastecimento de água

Função actual: Abastecimento de água

Fonte

Jardim Venâncio da Costa Lima - Palmela
Arquitectura pública civil
Sem datação

Constituída por um tanque receptor e uma torneira. Revestida com pedras e conchas.

Função inicial: Abastecimento de água

Função actual: Abastecimento de água

Fonte do Camarral



Lugar do Camarral - Palmela
Arquitectura pública civil
1830

Em alvenaria e pedra. Apresenta uma bica e um tanque receptor e uma inscrição com a seguinte informação: “1830”

Função inicial: Abastecimento de água

Função actual: Devoluta

Fonte

Largo Marques de Pombal Palmela
Arquitectura Pública Civil
Sem datação

Chafariz tipo Obelisco, feito em pedra e de construção austera. Na base, apresenta duas torneiras e duas bacias receptoras e no topo uma estrutura em ferro que sustenta quatro candeeiros. Este tipo de Chafariz, elemento isolado e implantado no centro de praças, generalizou-se no século XIX.

Função inicial – Abastecimento de água

Função Actual – Abastecimento de água

Fonte da Rocha



Baixa de Palmela - Palmela
Arquitectura publica civil
Sem datação

Em alvenaria, pedra e tijolo. Frontão em formato triangular com dois nichos. Apresenta uma tabela com a seguinte inscrição: «Quinta do Vale Formoso Fonte da Rocha». Acompanhada também por um tanque, localizado num nível inferior, ao qual se acede através de onze degraus.

É conhecida também por “Fonte Férrea”

Função inicial: Abastecimento de água.

Função actual. Devoluta

Fonte do Olho d’Água

Estrada da Moita – Quinta do Olho d’Água
Arquitectura pública civil
1914

Em alvenaria e pedra. Adossada ao muro da Quinta do Olho d’Água. De construção simples. Apresenta uma bica, uma bacia receptora e bancos laterais.

Apresenta a seguinte inscrição: «18-6-1914»

Função inicial: Abastecimento de água

Função Actual - Devoluta

Fonte da Estação

Largo da Estação Ferroviária Palmela
Arquitectura pública civil
1926

Em alvenaria e pedra. Constituída, num piso inferior, por dois bancos, um bica e quatro tanques/bebedouros e, no superior, ao qual se acede através de quatro degraus, por uma bica, hoje substituída por uma torneira e uma pequena bacia.

Apresenta uma tabela em mármore com a seguinte inscrição: «viação municipal 27 junho 1926».

Função inicial: Abastecimento de água

Função actual: Abastecimento de água

Chafariz de Aires



Rua Antonio Velge Aires Palmela

Arquitectura pública civil

É mencionada nas *Memórias Paroquiais* de 1758, mas a actual apresentação data de 1939.

É constituído por 1 frontão em alvenaria, 2 tanques em pedra, o maior, receptor de água e o maior reservatório. Apresenta apenas 1 bica. Salienta-se a altura equilibrada do muro em relação a esta peça arquitectónica e a existência de um banco em ambos os lados e uma conduta que conduz a água até um lavadouro.

Apresenta uma tabela com a seguinte inscrição: «C.M.P. Obra concluída em 30. XII. 1939». As virtudes das águas deste chafariz são mencionadas nas *Memórias Paroquiais* de 1758, para os achacados de pedra e areias.”⁵²

Função inicial: : Abastecimento de água

Função actual: Abastecimento de água

Lavadouro do Chafariz de Aires



Rua António Velge, Aires

Arquitectura pública civil

1939

Abastecido pelo Chafariz de Aires. Constituída por tanques em pedra e alvenaria. Apresenta revestimento de protecção em alvenaria.

Função inicial: Lavagem de roupa

Função actual: Lavagem de roupa

Chafariz da Lagoinha

Estrada Nacional 379/2 Lagoinha

Arquitectura pública civil

1976

Chafariz de espaldar, constituído por dois tanques em pedra, o mais pequeno receptor de água e o maior



reservatório. Apresenta apenas 1 bicas. Salienta-se a existência de bancos que serviriam como local de espera e descanso. Uma tabela em pedra mármore, colocada no frontão, apresenta a seguinte inscrição: «Do povo para o povo. 25. 8. 1976».

Função Inicial: Abastecimento de água

Função Actual: Abastecimento de água

Fonte da Quinta das Façalvas



Estrada Nacional 379, Quinta das Façalvas - Palmela

Arquitectura pública civil

Já referenciada nas “Memorias Paroquiais de 1758”

Descrição Geral: Construída exactamente à boca de uma mina é constituída apenas por uma bica um tanque em alvenaria e pedra. Apresenta elementos recentemente introduzidos, tais como uma cobertura em madeira e dois pilares, em pedra, que a suportam. As virtudes das águas desta Fonte são referenciadas nas *Memórias Paroquiais* de 1758, “para os achacados de pedra e areias”⁵³

Função inicial: Abastecimento de água

Função actual: Abastecimento de água

Tanque da Quinta das Façalvas

Estrada Nacional 379, Quinta das Façalvas - Palmela

Arquitectura Pública civil

1908

Tanque de grande dimensão construído em alvenaria e pedra e destinado à rega. Recebe a água da Fonte das Façalvas que conduz depois para um depósito e para as regueiras. Numa das paredes adossadas ao tanque encontra-se um nicho escavado e ornamentada e a seguinte inscrição J.E.D.A 33-6-1908.

⁵² FORTUNA, António Matos - *Ob.Cit.*, p. 34

⁵³ *Ibidem*

• FREGUESIA DE QUINTA DO ANJO

Chafariz



Avenida Venâncio da Costa Lima – Quinta do Anjo
Arquitectura Pública Civil
1953

Frontão simples com o brasão do concelho. Apresenta a seguinte inscrição: “1953”
Constituído por duas bicas e um tanque receptor em pedra.

Função Inicial: Abastecimento de água
Função Actual: Abastecimento de água

Chafariz



Avenida Venâncio da Costa Lima – Quinta do Anjo
Arquitectura Pública Civil
1953

Frontão simples com o brasão do concelho. Apresenta a seguinte inscrição: “1953”
Constituído por duas bicas e um tanque receptor em pedra.

Função Inicial: Abastecimento de água
Função Actual: Abastecimento de água

Fonte dos bacelos

Rua Duque de Palmela – Quinta do Anjo
Arquitectura Pública Civil

Sem datação

Da antiga construção apenas conserva a bacia receptora de água. O depósito foi destruído e a bica substituída por uma torneira. Segundo informação recolhida será uma das fontes mais antigas desta freguesia.

Função inicial: Abastecimento de água
Função Actual: Abastecimento de água

Fonte do Anjo



Quinta do Anjo – Quinta do Anjo
Arquitectura Publica Civil
1586

Construção bastante ornamentada. Apresenta pinturas a fresco com motivos vegetalistas, seis nichos e uma bacia receptora em pedra. A água brota da boca de um dragão, esculpido em pedra. Na mesma escultura encontra-se, pisando o dragão, uma figura masculina, já bastante destruída e que, segundo António Matos Fortuna representa o anjo S. Miguel.

Apresenta a seguinte inscrição em latim:
IRAR (UM) PHIALAM DIFFUNFIT FONTIBUS OLIM
ANGELUS ET RUBRUM SANGUINE FECIT AQUAM
ENSIFER AETHEREIS DEIECIT SEDIB(US) HOSTEM
FONTIS ADEST CUSTOS ANGELUS ISTE TIBI
SIC PLACITUM ANTIQUIS TALI DE NOMINE FONTEM
DICERE NE PEREAT QUI BIBIT EIUS AQUAM
1586

Tradução:

Um anjo derramou outrora sobre as fontes a taça das Iras e tornou a água rubra com o sangue
O portador da espada afastou o inimigo dos assentos Etéreos, este anjo está presente para ti como guarda da fonte.

Assim aprovou aos antigos chamar à fonte com tal nome,

A fim de que não pereça quem bebe da sua água
1568⁵⁴

Função Inicial: Abastecimento de Água
Função Actual: Devoluta

Fonte dos Amores e dos Sofrimentos



⁵⁴ Tradução de José Geraudes Freire, in FORTUNA, António Matos - *Quinta do Anjo Terra Singular*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2005, p. 116

Quinta do Anjo – Quinta do Anjo

Arquitectura Pública Civil

1951

Estrutura em alvenaria de acesso e protecção de uma mina de água. A entrada é condicionada por uma porta. Na fachada pode ser lido: *Fonte dos Amores e dos sofrimentos. 25 do 8 de 1951.*

Função inicial – Abastecimento de água

Função Actual – Abastecimento de água

Fonte/Bebedouro



Rua João de Deus e Rua João de Lencastre – Quinta do Anjo

Arquitectura Pública Civil

Recuperada em 1950

De construção simples em alvenaria e pedra destinava-se a abastecer água para os animais. Na rua João de Deus encontramos uma bica já desactivada e uma bacia receptora; na rua Jorge de Lencastre, duas bicas, actualmente substituídas por torneiras e um tanque receptor. Numa tabela em mármore encontra-se a seguinte inscrição: *Esta obra foi restaurada pela Câmara Municipal de Palmela em Agosto de 1950 e participada pelo Estado Novo Melhoramentos Rurais.*

Função Inicial: Abastecimento de água

Função actual: Abastecimento de água

Lavadouro ou Tanquinhos



Rua do Sabugueiro Quinta do Anjo

Arquitectura Pública Civil

1940

Constituída por catorze tanques em alvenaria e pedra. Apresenta o depósito que abastecia este local e uma inscrição com a seguinte informação: *C.M. Palmela Obra Comparticipada pelo Estado Novo Melhoramentos rurais No ano dos Centenários 7.7.1940.*

Função Inicial: Lavagem de roupa

Função actual: Devoluta

Chafariz de Cabanas



Av. Visconde Tojal Cabanas

1882

Construída em pedra e alvenaria. É constituída por um frontão simples, uma bica, uma bacia receptora, dois tanques laterais destinados aos animais e dois bancos. É protegido por quatro pilares em pedra. Apresenta uma tabela em mármore com a seguinte inscrição: *Mandada construir pela repartição dobras publicas do Distrito de Lisboa em 1882.*

Função inicial: Abastecimento de água.

Função actual: Abastecimento de água

Fonte Sol



Serra das Brotas – Cabanas

Arquitectura Pública Civil

Estrutura em alvenaria. Tecto em abóbada. Apresenta uma porta de acesso à boca da mina, sem porta. No século XVI, a fonte Sol seria um casal pertencido ao Convento de S. Paulo de Alferrara, estando obrigada ao de tributo à Ordem de Santiago (sedeada em Palmela desde o século XVI até 1834). Segundo Cristina Alves, o seu possuidor teria a obrigatoriedade de cultivar, por 4 anos, toda a terra arável, bem como de enxertar os azambujeiras possíveis, para além do pagamento da renda estipulada no contrato e no costume. A produção principal seria o cereal e a oliveira e a área rondaria os 5.07 ha.⁵⁵ António Matos Fortuna diz-nos que, apesar de não se poder localizar com

⁵⁵ In ALVES, Cristina Paula Alves – *Ob. Cit.*, p.26

rigor a implantação espacial deste lugar, trata-se de uma das mais antigas zonas agrícolas de Palmela, que faz fronteira com a encosta norte da Serra do Louro. Nas palavras do mesmo autor: “encontra-se essa zona “entalada” entre as “Torres Altas” domínio directo do convento dominicano de Azeitão e a Quinta da Torre, cujos proprietários ainda não haviam iniciado em escala sensível a cedência, por foro, arrendamento ou venda, das parcelas em que se viria estabelecer a grande maioria das Famílias de Cabanas. A “Fonte do Sol” deveria, por isso, ter sido o primeiro “centro de arranque” dessa comunidade de gente exemplarmente trabalhadora.”⁵⁶

Função inicial: Abastecimento de água

Função actual: Abastecimento de água



• FREGUESIA DE PINHAL NOVO

Chafariz de Pinhal Novo



Largo José Maria dos Santos Pinhal Novo
Arquitectura Pública Civil
1952

Feito em alvenaria, bastante ornamentado. Apresenta 4 bicas e duas bacias receptoras de água. Exibe uma tabela em mármore com a seguinte inscrição: 14.9.1952 CMP. É constituída também por dois painéis de azulejo, datados da década de 90, decorados com o brasão da freguesia e o do concelho, bem como com reprodução de fotografias de Manuel Giraldes da Silva sobre cenas locais.

Função inicial: Abastecimento de água

Função Actual: Abastecimento de água

Tanque do Bairro Franco

Bairro Franco: Rua da Sociedade Filarmónica União Agrícola e Rua Infante D. Henrique - Pinhal Novo

Arquitectura Pública Civil

Década de 50, século XX

Feito em Alvenaria e ferro.

Apresenta uma estrutura de protecção bastante ornamentada e é constituído por seis tanques destinados à lavagem de roupa.

Função inicial: Lavagem de roupa

Função actual: Lavagem de roupa

• FREGUESIA DE ÁGUAS DE MOURA

Fonte de Águas de Moura



Largo da Fonte de Águas de Moura

Arquitectura Pública Civil

1878

Fonte situada numa mina de água. Construção simples e constituída por uma bica e uma bacia receptora. Apresenta uma tabela com a seguinte inscrição: CMP 1878

Função inicial: Abastecimento de água

Função actual: Abastecimento de água

Lavadouro de Águas de Moura



Largo da Fonte Águas de Moura - Águas de Moura

Arquitectura Pública Civil

1899

Lavadouro protegido por estrutura em alvenaria e constituído por oito tanques.

Apresenta uma tabela com a seguinte inscrição:

1º Centenário do Lavadouro Público de Águas de Moura 1899-1999.

Função Inicial: Lavagem de roupa

Função actual: Devoluto

⁵⁶ FORTUNA, António Matos - *Memórias da Agricultura e Ruralidade do Concelho de Palmela*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, p.156

Fontes e Bibliografia

Fontes Orais

- Entrevista a Cacilda Martins, 87 anos, Cabanas, a Cristina Prata/Museu Municipal, Setembro 2003

Fontes Documentais

- *X Recenseamento Geral da População* – Tomo VI, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1964
- Arquivo Distrital de Setúbal, *Fundo Almeida Carvalho*, Palmela, Fontes e Chafarizes, 22/61

Bibliografia

- ALVES, Cristina Paula - *A Propriedade da Ordem de Santiago em Palmela, As visitas de 1510 e de 1534*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004
- CANELAS, Vítor - *Património Natural do Concelho de Palmela*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 1999
- CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da - *A Consagração da água a través da Arquitectura, Para uma Arquitectura da água*, Dissertação para Doutoramento, apresentada à Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura - Departamento de Arquitectura, 1997
- *Dicionário da Língua Portuguesa 2003*, Porto: Porto Editora
- FORTUNA, António Matos - *Memórias Paroquiais de 1758*, Monografia de Palmela 1, Palmela: Grupo dos Amigos de Palmela, 1982
- IDEM - *Memórias da Agricultura e Ruralidade do Concelho de Palmela*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 1997
- IDEM - *Quinta do Anjo Terra Singular*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2005
- LUCAS, Isabel Maria Guerreiro Gonçalves Mendes Oleiro - *As Ermidas da Ordem de Santiago nas Visitas de Palmela do Século XVI*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005
- RIBEIRO, João Reis - *Histórias e Cantinhos da Região de Palmela*, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 2002, p. 55 e 56
- ROCHE, Daniel - *História das Coisas Banais*, Lisboa: Teorema, 1998
- ROSSA, Walter - *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*, Lisboa: Editorial Presença, 1989

